

SINPRO CULTURA. Campinas (SP): Sindicato dos Professores de Campinas e Região, edições de maio - nº 22, de julho - nº 23, de setembro - nº 24, e de dezembro - nº 25, de 1995.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO –USP
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO E ARTES- ECA
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO

***MULHER NOVA, MULHER SEXY: A MULHER QUE NÃO
EXISTE***

Valmir da Costa

mestrando em Jornalismo e Linguagem

1. Introdução

Este trabalho, *Mulher Nova, Mulher Sexy: a mulher que não existe*, é uma monografia que procura discutir a frase de Lacan, quando ele afirma que “*A mulher não existe*”. Para analisar esta frase do psicanalista, foram utilizados neste trabalho textos e fotos de alguns exemplares da revista *Nova*, voltada para o público feminino e da revista *Sexy*, para o público masculino. As publicações tratam da sexualidade humana de acordo com o seu tipo de público. Analisa-se, porém, como a imagem da mulher é construída no discurso jornalístico dessas revistas tanto feminino como no masculino.⁴

Lacan (Brabant, 1981:167) afirma que o inconsciente é estruturado como a linguagem. “*o inconsciente é a parte do discurso concreto, enquanto transindividual que falta à disposição do indivíduo para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente*”. Desta forma, tenta-se mostrar neste trabalho, como o inconsciente coletivo da sociedade constrói a mulher enquanto ser social e enquanto ser biológico.

foram construídas normas de comportamento específicas para homem e mulher, que extrapolaram as diferenças biológicas naturais entre o masculino e o feminino. As normas sociais dizem como homem e mulher devem se comportar. Littlejohn (1988:345) quando discute os meios de comunicação de massa afirma que eles escolhem os “tópicos” e utilizam um canal de massa para um receptor, que seleciona a informação de acordo com seus interesses individuais.

Neste caso, o principal tópico escolhido pelas revistas *Nova e Sexy* é o sexo e a escolha do leitor se dá a partir da sua preferência sexual, que são os seus aspectos psicológicos. Entretanto essas revistas utilizam um discurso informativo para transmitir, muitas vezes, tipos de procedimentos sexuais aos seus leitores. A função referencial ou informativa das revistas tem como objetivo o discurso enquanto aspecto do comportamento. O sentido das palavras empregadas pelas revistas extrapola o conteúdo do texto. Elas fazem uma correlação entre o universo lingüístico e o universo sócio-cultural do leitor para transmitir a sua mensagem.

⁴ Sexualidade é a capacidade de comportar-se sexualmente, isto é, de responder a estímulos eróticos e obter prazer de atividades sexuais como as preliminares, o ato sexual e a masturbação. A sexualidade envolve não somente os órgãos genitais, mas todas as zona erógenas do corpo, assim como vontades, desejos, fantasias associados a sexo (cf. Anderson & Goldenson, 1989:245).

Quando Robin (1973:44) trata do vocabulário, afirma que ele é uma espécie de etiqueta fixada sobre cada grupo social, com uma linguagem específica. “Aliás não seria necessário conhecer a posição política deste ou daquele; seu vocabulário bastaria para defini-lo, para designar-lhe um lugar específico no tabuleiro político. É assim que se faz da palavra um índice de comportamento político”. Por essa ótica, percebe-se que as revistas transmitem formas de comportamentos sexuais com um vocabulário bastante peculiar.

Contudo, vale questionar: *que modelos de comportamento sexual são repassados ao público pelas revistas Nova e Sexy? O que dizem? Como dizem? O que querem dizer? Que valores morais pregam? Como traduzem seu pensamento nas matérias?* Esses e outros questionamentos só podem ser esclarecidos depois de uma análise mais aprofundada do corpus do trabalho.

2. A Mulher Nova

A estratégia de sedução feminina usada por *Nova* é o reflexo da liberação da mulher dos nossos dias. Agora, a mulher inverte os papéis e busca seus parceiros. Antes a mulher não vivia uma sexualidade plena. Cabia a ela esperar pelas vontades masculinas. Porém, a mulher dos anos 90 está mais versátil nos seus relacionamentos sexuais, assumindo os papéis ativo e passivo. Ela não espera pela atitude do homem. Vai à luta, à caça do parceiro.

Esse modelo de comportamento feminino é repassado por *Nova*: de uma mulher que não se conforma com uma sexualidade água-com-açúcar e que não fica de braços cruzados, quando o assunto é sexo. Importa registrar, entretanto, que a revista, apesar de se dizer feminista e, com todos os seus artifícios, estimular a mulher a ser liberal sexualmente reproduz conceitos extremamente machistas. Veja na matéria:

QUANDO ELE TEM PROBLEMA NA CAMA

Você está cheia de desejo, seu amado também, mas... Nem pense em fazer brincadeiras, massageie o ego do seu homem.

A primeira vez que Rita viu André malhando ao seu lado na academia, foi logo imaginando aquele corpo musculoso nos seus lençóis de seda. A idéia a fez sorrir. Quando André devolveu um sorriso enorme, ela percebeu que a atração era mútua. Duas semanas depois lá estava ele - o ombro afundando o colchão e o peito delineado pela luz romântica do abajur. Rita o beijou delicadamente do pescoço até a cintura. Deixou que a ponta do nariz pousasse por um instante nos pêlos do púbis de André e continuou até encontrar... não uma ereção firme, cheia de desejo, mas uma massa sem vida. Pânico. Constrangimento. O que fazer? Usar a técnica da reanimação? Rezar? Consolá-lo dizendo “Tudo bem, ninguém é perfeito?” Milhões de mulheres apaixonadas já tiveram reações como essas- que na verdade, só

aumentam a humilhação do companheiro. Os homens guardam um ego colossal naquele tesouro que costuma varia de 15 a 20 e poucos centímetros. Como devemos agir quando ele falha e nos deixa numa situação embaraçosa? Como enfrentar isso sem ferir o orgulho masculino? Infelizmente não se tem notícias de manuais de etiqueta que ensinem uma saída honrosa para esse tipo de experiência. É mais aconselhável buscar orientação com especialistas em sexo, melhor qualificados para dar sugestões em uma crise dessas proporções- que pode acontecer a qualquer momento e na vida de qualquer uma de nós.

(Nova, out/95 p. 84-99)

Neste exemplo, *Nova* desenvolve uma narrativa romanceada água-com-açúcar, como classifica Alberoni. No entanto, o texto não tem nada de meloso. Pelo contrário, é bastante apimentado. O estilo mescla linguagem jornalística e literária.⁵ Trata-se de um romance disfarçado de reportagem, onde a trama principal é nada mais, nada menos do que o sexo. Também observa-se o uso freqüente de descrições, talvez para estimular o imaginário de suas leitoras *Rita* e *André* são personagens que podem ser qualquer casal. A imprecisão da identidade das personagens é uma constante na revista. Ou seja, poderiam ser tanto verídicos, quanto fictícios. Pois, no texto apenas o primeiro nome é citado.

Cria-se todo um clima de sensações. A revista descreve o ambiente onde se desenrola o fato com todas as suas nuances, cores, luzes e emoções. O trecho “*aquele corpo musculoso nos seus lençóis de seda*” mostra uma mulher, com o homem ideal (corpo musculoso), num clima bastante romântico, sedutor e refinado. Sua cama é tratada metaforicamente como “*lençóis de seda*”, sugerindo também um ambiente requintado como a própria seda. No trecho “*o ombro afundando o colchão e o peito delineado pela luz do abajur*”, a revista descreve uma cena de erotismo e sedução, onde a luz do abajur delineia o peito musculoso de *André*.

Ambientado o clima prévio do ato sexual, é a vez do desenvolvimento da trama erótica. *Rita* representa o modelo de como a leitora de *Nova* deve agir na cama. Ela deve viver o papel ativo na relação, pois é a dominadora, é quem toma a iniciativa. Não é a mulher que se deita e espera que o homem faça dela o que desejar. No palco do acasalamento ela também quer e deve atuar: “*Rita o beijou delicadamente do pescoço até a cintura. Deixou que a ponta do nariz pousasse por um instante nos pêlos do púbis de André e continuou até encontrar... não uma ereção firme, cheia de desejo, mas uma massa sem vida.*”

Nas preliminares de um sexo oral, a revista diz como é que a leitora deve realizá-lo. Nada de pressa. Ela deve passear sua boca pelo corpo do seu amante, enchendo-o de delicados e excitantes beijos, até levar essa boca para a cintura do seu amado. Sentir o odor dos pêlos do púbis de *André* até levar essa mesma boca para o órgão genital do seu amado. Aqui, o órgão genital masculino é cercado de metáforas, que caracterizam um certo puritanismo do linguajar jornalístico da imprensa feminina. O trecho “[...] *continuou até encontrar... não*

⁵ De acordo com Cereja (1990:21), linguagem literária é “aquela que trata de modo pessoal, figurado e artístico uma realidade concreta ou fictícia. Ao artista da palavra, interessa-lhe mais *como* recriar a realidade em sua obra, a partir dos fatos concretos, de sua imaginação e de suas experiências, do que fazer um retrato fiel da realidade-tarefa que caberia mais a um jornalista do que a um escritor.”

uma ereção firme, cheia de desejo, mas uma massa sem vida” reforça esta afirmativa. “Ereção” é sinônimo de pênis, que é tratado metaforicamente logo em seguida, como “*massa sem vida*”.

A impotência do homem na hora H, de acordo com *Nova*, não é preocupação apenas desse homem impotente, mas principalmente da mulher. Quando o texto pergunta “*o que fazer*” coloca nas mãos da leitora mais uma tarefa difícil, mais um compromisso. A leitora da *Nova*, não deve ter nenhuma dificuldade na hora do relacionamento e deve superá-lo, caso apareça, com todo jogo de cintura. Essa é a função do texto: dizer de antemão à leitora o que ela deve fazer caso fique em maus lençóis na hora da transa, pois “*uma crise dessas proporções- que pode acontecer a qualquer momento e na vida de qualquer uma de nós*”.

Como amiga, a revista expõe outros exemplos de mulheres que já passaram por essa situação frustrante e ficaram cheias de dúvidas como: *o que fazer? Rezar? Consolá-lo dizendo: “Tudo bem ninguém é perfeito?” Milhões de mulheres apaixonadas já tiveram reações como essas- que, na verdade, só aumentou a humilhação do companheiro*". Esse tipo de vexame a leitora da *Nova* não pode passar. Se milhões de mulheres fazem essa besteira, é porque não têm experiência sexual para contornar a situação como ela. Seguindo o mesmo estilo de narrativa romanceada, a matéria apresenta histórias de outros personagens:

(11)

A SÍNDROME DA PRIMEIRA VEZ

Durante mais de dois meses, Cláudia e Wilian adiaram o dia de irem para a cama até terem a certeza de que queriam manter um relacionamento. Nas noites em que dançavam agarradinhos, Cláudia sentia que ele estava excitado. Quando finalmente decidiram fazer amor, Wilian estava animadíssimo, mas a parte crucial da sua anatomia era um desânimo só. Um constrangimento surdo tomou conta daquele quarto. “Experiências dolorosas como esta acontecem com muitos casais”, observa a terapeuta norte-americana Barbara Keesling, autora do livro Sexual Pleasure (Prazer Sexual). A dificuldade de ereção na primeira noite é comum e se deve a uma ansiedade temporária ou um pouco de insegurança. No geral, na próxima vez dá certo.” Infelizmente, muitas mulheres não compreendem esse medo masculino e culpam a si mesmas. Pensam: “Onde foi que eu errei?”, “Será que estou gorda?”, “Ele deve ter visto a minha celulite.” Às vezes, essa frustração se transforma em raiva. Os consultórios de sexólogos estão cheios de casos de homens que foram xingados e agredidos aos berros porque não tiveram ereção. E todos os especialistas são unânimes em afirmar que esse comportamento feminino é um erro.[...] E avisam: a mulher não deve manipular mecanicamente o pênis na tentativa de fazê-lo acordar.[...] procure ser mais paciente. O pênis de seu companheiro pode dar muito prazer quando seu dono não está nervoso. Em outras palavras, a melhor maneira de enfrentar uma frustrante noite de amor é criar um clima leve. Mesmo diante de um pênis sem vontade própria, você deve continuar a fazer o que gosta: beijar, acariciar... Deixá-lo perceber que essas atividades lhe dão prazer. Ele adora ver que seu corpo a excita (homens são criaturas visuais, lembra disso?) Essa constatação pode levá-lo gradualmente à uma ereção. Agora, se não acontecer tente encorajá-lo: “Sei que você quer ter uma ereção e sei que vai ter. Mas talvez não aconteça esta noite. Que tal tomarmos um banho juntos”? Ou então inicie outra atividade sexual de que vocês gostem e que não dependa da penetração.

(*Nova*, out/95 p. 86)

Até chegar ao depoimento de um especialista no assunto, a revista torna a descrever o ambiente de sedução, com o casal *Cláudia* e *Wilian*. O texto faz uma analogia entre o estado de espírito de *Wilian* com o seu órgão sexual. Enquanto o primeiro estava em alta, o segundo... A genitália masculina é mais uma vez tratada de forma metafórica: “*parte crucial da sua anatomia*”. Diferente das revistas masculinas, que se referem a órgãos genitais com termos populares ou chulos, o vocabulário das revistas femininas apresenta um certo cuidado, quando trata da genitália humana. A cautela com o vocabulário parece querer evitar uma imagem de promiscuidade.

Dor (1989:43) afirma que a metáfora é tradicionalmente repertoriada nos tropos do discurso como uma figura de estilo fundada em relações de similaridade, de substituição. “Neste sentido, é um mecanismo de linguagem que intervém ao longo do eixo sincrônico (paradigmático), ou seja, o eixo do léxico e da língua.” Como formula Lacan, a metáfora consiste em designar alguma coisa por meio do nome de outra coisa. Ela é *substituição significante*. Quando a metáfora mostra que os significados extraem sua coerência da rede dos significantes, o caráter desta substituição significante demonstra a autonomia do significante em relação ao significado e, por conseguinte, supremacia do significante.

Lacan (apud Dor 1989:41) afirma que a lógica do significante se esboça com a análise dos processos metafóricos e metonímicos no discurso do sujeito, como testemunhos incontornáveis do caráter primordial do significante. Lacan simboliza a supremacia do significante sobre o significado invertendo o algoritmo saussuriano no signo linguístico esquematizando a escrita do significante por um “S” maiúsculo sobre o significado por um “s” minúsculo. Desta forma, percebe-se o engrandecimento ao falo. Mesmo pregando uma certa liberalidade na vida sexual, a mensagem repassada pela *Nova*, engrandece o homem. O falo é o centro de tudo.

Mesmo incentivando uma vida sexual livre, revela um certo grau de conservadorismo, justamente por causa do homem. Wright (1994:6-5) explica que “vem daí, ao que parece a distinção entre santas e putas. Os homens são projetados para sentir desejo sexual por mulheres promíscuas, mas para sentirem amor por mulheres recatadas”. Ogilvie (1987:18-19) ao tratar da formação do conceito de sujeito de acordo com as teorias lacanianas, afirma que a formação da personalidade é uma gênese social. “A personalidade se manifesta, indiscutivelmente, através de uma série de sentimentos, de representações, de ações do discurso que as designam.” A leitora da *Nova* é uma mulher liberada sexualmente, mas nem tanto. Sua linguagem deve ser comportada para ela se livrar do estigma da promiscuidade. Percebe-se, porém,

que a imagem da mulher construída pela revista mostra que a formação da identidade feminina é construída a partir das normas masculinas.

No entanto, para dizer que muitas delas se acham incapazes de excitar um homem, a revista dá exemplos de uma mulher fútil e insegura que tem pouco conhecimento sobre as causas da impotência. Para isso ela cita homens que têm fobia por gorduras, celulites e acabam falhando na cama. Além do mais, dá exemplos de uma mulher que não entende a impotência do parceiro e fica com raiva do seu fracasso sexual. Logo depois, a revista alerta a leitora: “*esse comportamento feminino é um erro*”. É como uma ordem (não tenha esse comportamento, não faça isso!), seguida de algumas dicas, de algumas receitas reanimadoras de impotência, que se tornam contraditórias aos argumentos médicos apresentados em seguida.

Na verdade é mais uma ordem do que a mulher deve fazer. O modo imperativo do verbo prova isso. Observe: “*procure ser mais paciente. O pênis de seu companheiro pode dar muito prazer quando seu dono não está nervoso*”, ou ainda, “*a melhor maneira de enfrentar uma frustrante noite de amor é criar um clima leve*. Nessa parte do texto homem e pênis confundem-se num só, pois o assunto em questão não é um homem específico e sim qualquer homem. “*Mesmo diante de um pênis sem vontade própria, você deve continuar a fazer o que gosta: beijar, acariciar... Deixá-lo perceber que essas atividades lhe dão prazer.*” O texto não deixa explícito quem esta leitora deve *beijar, acariciar*, se o pênis ou o homem. O pênis, no entanto, torna-se um objeto simbólico de masculinidade. Ele é o personagem principal dessa narrativa.

Considerando a tese de que os homens conseguem se excitar visualmente, *Nova* diz: *homens são criaturas visuais, lembra disso?* A pergunta é uma forma eufemística de dar uma ordem do tipo não se esqueça! Isto porque a mulher de *Nova* sabe tudo é *expert* nos assuntos de alcova, mas mesmo assim ela lembra: “*Essa constatação pode levá-lo gradualmente à ereção.*” Caso a ereção não aconteça, a revista dá mais uma ordem à leitora: “*tente encorajá-lo: 'Sei que você quer ter uma ereção e sei que vai ter. Mas talvez não aconteça esta noite. Que tal tomarmos um banho juntos?' Ou então inicie outra atividade sexual de que vocês gostem e que não dependa da penetração.*”

Mas uma vez *Nova* se mostra como uma amiga precavida. No final do texto, diz à leitora que se todos esses exercícios sexuais não surtirem efeito, não se deve desanimar, pois a culpa não é dela [leitora]. Para que não se sinta arrasada como mulher, a revista aponta outras deficiências, como problemas orgânicos do homem. As receitas de *Nova* vêm em forma de experiências de outras mulheres. Como pode ser observado no exemplo (13).

(13)

QUANDO ELE TEM PROBLEMAS NA CAMA.

Ingrid, 30 anos, mora com Vítor há dois anos e conta que de vez em quando ele perde a ereção no meio do ato sexual. “Eu pressiono minha pélvis contra o corpo dele e beijo sua orelha porque sei que Vítor acha isso excitante. Às vezes funciona. Mas no geral, ele não volta a se excitar e nunca sei o que dizer. Vítor fica muito mal.” Os

especialistas alertam: Se isto acontecer com você, evite perguntas do tipo “O que há de errado?”, “Você bebeu muito?”. Quando um homem fica sem ereção em pleno ato de amor, ele sofre demais. Além de perder o prazer, ele acha que você jamais irá perdoá-lo. Como aliviar esses momentos terríveis? Sugira que ele faça alguma coisa especial para você que não envolva o pênis. Diga que adoraria uma massagem ou que gostaria de ter seu corpo todo acariciado. Isso dará tempo para ele recarregar as baterias da autoconfiança e o deixará agradecido por você ter desviado a atenção do seu... belo adormecido. Lembre-o novamente de como ele a excita. Mostre como você gosta de ser beijada e acariciada. Você não tem que fingir um orgasmo delirante, mas alguns gemidos podem fazer maravilhas pela frágil psique masculina (talvez esse incentivo ao ego seja exatamente o que o pênis dele esteja precisando para “acordar”). Não se esqueça: O homem também pode apreciar uma experiência sexual sem ejaculação, ainda mais se notar que a mulher está gostando.
(Nova,out/95 p.86)

A revista, apesar de se dizer feminista e estimular a mulher a ser liberal sexualmente com todos os seus artifícios, repassa um conceito que engrandece o homem e relega a mulher a segundo plano. Quando diz: *O homem também pode apreciar uma experiência sexual sem ejaculação, ainda mais se notar que a mulher está gostando*. Por que essa mulher deve “fingir” um orgasmo? Qual a mulher que iria gostar de uma relação, sem retorno, sem tesão mútuo? A mulher da *Nova* gostaria? O texto mostra que num ato sexual, um pênis ativo não é tão importante, e a mulher deve desviar a atenção do “*belo adormecido*” (metáfora usada pela revista para se referir ao pênis). Para essa *mise-en-scène* sexual ela deve seguir as ordens da revista. Os verbos no imperativo (“*sugira*”, “*diga*”, “*lembre-o*”, “*mostre*” “*não se esqueça*”) mostram que a revista ordena atitudes às leitoras, num verdadeiro adestramento sexual.

Seus maiores argumentos são experiências que a revista leva a leitora a pensar que são verdadeiros. É o caso de *Ingrid e Vítor*: “*Eu pressiono minha pélvis contra o corpo dele e beijo sua orelha porque sei que Vítor acha isso excitante*”. A parte sexual feminina é tratada com o nome científico, sem conotações chulas. Isso reforça a afirmativa de que o jornalismo sexual feminino não utiliza termos obscenos nos seus textos. Para mostrar à leitora a opinião de alguém que entenda do assunto, e como comportar-se diante da situação constrangedora, a revista utiliza truques imprecisos da seguinte forma: “*Os especialistas alertam: Se isto acontecer com você, evite perguntas do tipo “O que há de errado?”, “Você bebeu muito?”*”. Com esse argumento frágil “*especialistas alertam*”, a revista se isenta de expor sua ordem às leitoras. Que especialistas são esses? A revista não deixa claro qual o profissional que aconselharia a mulher a não questionar seu companheiro.

O texto de *Nova* é dirigido a uma leitora submissa, sem preocupação com ela própria. O que fica evidente quando é colocada a preocupação do homem apenas consigo, e uma mulher que não se preocupa com a sua frustração e sim com a do parceiro. Esta afirmação pode ser comprovada no trecho: *ele acha que você jamais irá perdoá-lo*. Esse tipo de comportamento da mulher, nos nossos tempos, não muda em muito as atitudes das mulheres, no período do surgimento da *Nova*. Essa mulher emancipada é ambígua quando se propõe a viver uma sexualidade plena, descompromissada com os homens, quando na

verdade, suas preocupações sexuais são voltadas única e exclusivamente para o parceiro.

A mulher deve-se esmerar para satisfazer seu homem, preocupação que não existe nas publicações masculinas que tratam de sexo. Ou seja, a preocupação com a sexualidade do companheiro(a) é uma característica percebida apenas nas publicações dirigidas à mulher.

3. *Mulher Sexy*

O universo masculino sempre teve uma certa liberalidade no campo do sexo. Esse tipo de comportamento é transmitido pelas publicações masculinas que tratam de sexo. Para reforçar a supremacia do homem, estimulam o comportamento sexual liberado do leitor. O homem a todo tempo é envolvido num jogo de provocação sexual. Sua libido deve ser aguçada para ele provar a sua virilidade como símbolo único de masculinidade. Este modelo é reproduzido pela revista *Sexy*, que estabelece comportamentos sexuais para os leitores.

Para estimular a sexualidade masculina, a publicação se utiliza do conceito de que o erotismo masculino é mais visual, diferente do feminino, que é mais tátil. Partindo desse princípio, *Sexy* coloca nas suas páginas uma avalanche de mulheres nuas. O grande peso da revista são as fotos de nus femininos. Começa aí a necessidade de o homem provar a sua sexualidade, e para que isso ocorra ele precisa do álibi da figura feminina. Esse álibi é produzido pelas revistas eróticas masculinas, sobretudo pela revista *Sexy*.

Como foi atribuído ao homem a propriedade de uma volúpia ocular, colocam nas pupilas do "senhor eros" masculino a nudez feminina como fonte de prazer e de afirmação da masculinidade. O pênis como símbolo máximo de masculinidade, representa o ego do homem e deve receber cuidados a partir dos olhos. Daí a necessidade do voyerismo do homem, nutrido pela *Sexy*.

Mas, para regozijar os olhos masculinos, os homens contam com um forte aliado: a própria mulher. Dispostas a se tornar objeto de desejo, elas contribuem para alimentar o desejo sexual masculino. Elas se dispõem ao desnudamento do próprio corpo para vestir a masculinidade do homem, que coloca o liberalismo feminino a seu favor. No entanto, os eles atribuíram à nudez da mulher um conceito de arte para encobrir o verdadeiro sentido de satisfação dos seus desejos pornográficos. É na arte da nudez da mulher que os meios de comunicação se apoiam, transformando o artístico em pornográfico.

Sexy procura dar à nudez feminina, uma conotação de licenciosidade, exatamente da maneira como o homem deve olhar. O ensaio fotográfico da edição de maio de 95 - mês das noivas - apresenta essa questão. A chamada de capa convida, de forma extremamente apelativa, o leitor a ver o ensaio fotográfico da seção *Proibido até para Maiores* da seguinte forma “*Maio sem pudor: a noiva de Sexy abre as pernocas*”.

Para mostrar as poses eróticas de uma noiva “sem cerimônia”, *Sexy* transgredir o modelo tradicional, no qual a moça chega ao altar virgem. Esse poder imagístico é repassado no ensaio, mas por uma ótica diferente: de um

modo perverso, cheio de
está como os homens
estivessem para eles: cheia
sexualmente, bem
Observe alguns

Foto 1

Foto 3



taras. A noiva pornográfica
gostariam que as mulheres
de desejos, pronta e disponível
adequada à fantasia masculina.
fragmentos do ensaio:

Foto 2



A fantasia erótica masculina elimina o romantismo, o amor, as carícias, que são os elementos principais da fantasia feminina. Galanteios amorosos são coisas de mulher e o homem não vai provar sua masculinidade dessa forma, vai? O modelo de masculinidade estipulado pela sociedade machista prova que não. Isso é muito bem ilustrado por *Sexy*. O tema casamento, um dos principais alicerces das fantasias românticas da mulher, é tratado pela revista de maneira ríspida, seca, sem romantismo. Porém, cheia de tesão e intencionalidades pornográficas.

Segundo Augusto (1994:6-4) o desnudamento aumenta a carga erótica e incita a libidinagem “Sobretudo naqueles mais sensíveis à scopofilia (desejo de ver) vulgarmente chamados de *voyeurs*”. Para aumentar a carga erótica do seu leitor, *Sexy* utiliza imagens que descambaram da nudez artística, mostrando *closes* da genitália feminina. O voyerismo masculino da pós-modernidade parece ter-se cansado de ver apenas pêlos pubianos exibidos na nudez artístico-

erótica. A revista desvincula-se daquele conceito de que o nu artístico tem o seu limite na exposição apenas do púbis feminino. Mas será que a exibição da genitália feminina não poderia ter o mesmo conceito artístico?

Paglia (1992:43), por exemplo, ao abordar a questão da pornografia, afirma que a cultura popular reclama o que a alta cultura veta e isso fica claro na pornografia que é uma expressão visual limitada do sexo demoníaco. Cada tomada, cada ângulo pornográfico, por mais tolo, perverso ou doentio, capta algo da natureza humana. Para a autora, pornografia é arte sim, porque arte é contemplação. “A arte extrai ordem da brutalidade da natureza. A feiúra e a violência da pornografia refletem a feiúra e a violência da natureza”. No entanto, essa arte de contemplação pornográfica só pode ser feita pelos olhos voyeristas masculinos.

As mulheres colocadas nas revistas eróticas, segundo Alberoni (1986:13), têm taras masculinas da mesma forma que os homens gostariam de se relacionar com elas.⁶ A afirmação de Alberoni faz sentido porque a partir do momento que o imaginário do homem não colocar uma mulher com taras masculinas, a pornografia masculina não é construída. A identidade sexual do homem se constrói com a imagem da mulher como signo de virilidade. É a partir do estereótipo do homem - considerado um *voyeur* erótico - que os nus femininos são colocados deliberadamente na revista. Em consequência os textos são menos explorados. Esta também é uma característica do jornalismo sexual masculino que utiliza a imagem dando vazão à pornografia masculina.⁷

Com as imagens, os leitores ou espiões da revista podem dar asas à “imaginação sexual”. Imaginação no sentido de dar movimento à imagem (imagem + ação). O leitor não olha para a foto de uma mulher nua e a deixa estática. Ele dá movimento e interage com ela. É a partir daí que o “império dos sentidos” começa a reinar na excitação erótica do homem. Boulding (apud Littlejohn, 1988:119) quando se refere ao comportamento humano, afirma que ele também pode ser influenciado pela imagem e que a imagem pode ser modificada pela adição. É justamente isso que ocorre com as fotos de mulheres nuas nas revistas masculinas como *Sexy*. Os leitores mergulham no sensorio do eros e se adicionam às mulheres num ato sexual.

⁶ Revistas eróticas são periódicos que apresentam fotografias e outras ilustrações de mulheres nuas ou seminuas, além de textos relacionados com o erotismo. Podem também apresentar cenas explícitas de atividades sexuais. (cf. Anderson & Goldenson, 1989:92)

⁷ Pornografia: (do grego *porne* = *prostituta* e *graphein* = escrever) material erótico explícito, apresentado de forma escrita ou ilustrada, com propósito expresso de excitar sexualmente ou de satisfazer a curiosidade ou interesse sexual. A ênfase recai sobre detalhes anatômicos, formas mais comuns de atividade sexual e materiais freqüentemente considerados obscenos. Às vezes, faz-se uma distinção entre pornografia leve, caracterizada por revistas de garotas retratando nus, e pornografia pesada, seqüências sadomasoquistas e *closets* de vários tipos de coito (Anderson & Goldenson, 1989:215)

Na matemática sexual, a revista ensina a conta de somar. Os termos dessa adição sexual são: mulheres sensualmente nuas + vontade + desejo + pornografia = homem viril, másculo. Esses atributos contribuem para a construção e afirmação da sexualidade masculina. Geralmente a questão persuasão e mudança de atitude trata em profundidade desse fenômeno de alteração da imagem. A revista *Sexy* procura convencer o seu leitor a moldar-se num tipo de comportamento sexual masculino. O homem deve ter o erotismo à flor da pele, pensar sempre em mulheres, desejá-las, tê-las, comê-las sexualmente. O desejo masculino de “abocanhar” as mulheres, no sentido de degustá-las sexualmente foi apresentado na edição de maio de 95. Observe:

[...] as mulheres que estamos servindo nesta SEXY. a tempura Verônica Rodrigues, empanada por Marcos Tardin. A tepaniaki Vanessa Machado veio de bandeja, preparada por Licínio Rios Cláudio Parreiras. Jéthero Cardoso organizou uma verdadeira orgia de sashimi, fatiando os maiores peitos do século: Pamela Anderson, Sophia Loren, Fafá de Belém.[...] (Sexy, mai/95 p. 03)

Além de ser fonte de prazer, as mulheres de *Sexy*, colocadas de bandeja na mesa do erotismo masculino, são também fontes de afirmação da masculinidade dos leitores. Aristóteles (apud Foucault, 1984:42) diz que o apetite só pode ser provocado pela representação, a imagem ou a lembrança da coisa que dá prazer. As mulheres expostas na revista são puros objetos do prazer do leitor, uma espécie de fetiche. Baudrillard (1991:107), ao comentar a perversão, afirma que o fetichismo do homem, com paixão pelo objeto, é caracterizado pelo modo atenuado de perversão sexual.⁸ Esse tipo de perversão, na qual se confunde o “real e o virtual”, consiste no fato de não poder se apoderar da mulher como objeto de desejo como pessoa, mas somente no descontínuo. “O outro se transforma no paradigma das diversas partes eróticas de seu corpo como uma cristalização objetual [...] Esta mulher não é mais uma mulher, mas sexo, seios, ventre, coxas, voz ou rosto[...]

É assim que é explorada a mulher em *Sexy*. Ela é um fetiche, um objeto de afirmação. Um tipo de amuleto da virilidade, é um objeto que se constitui uma série de partes. Os leitores, ou espões da revista não consideram essa mulher como real (na verdade é uma ilusão). No entanto, esse amuleto é o desejo subjetivo do narcisismo do leitor. A partir da mulher-objeto ele se realiza, erotiza-se e constrói o seu discurso de masculinidade.

O homem deve se livrar dos obstáculos que impedem essa atuação erótico-pornográfica, que são as normas sociais em relação à mulher. Aí é que se

⁸ O que caracteriza a perversão é que o prazer máximo não pode ser obtido pela simples aproximação das partes de um homem e de uma mulher. O perverso deve ou utilizar outros meios e outras vias corporais (órgão genital do mesmo sexo, via oral ou anal) ou prover a aproximação heterossexual normal de condições sem as quais ela não traria para ele realização satisfatória (cf. Brabant, 1984: 91-92).

arma a necessidade de criação da fantasia masculina. A sociedade machista relegou a mulher a segundo plano, restringindo a sexualidade feminina e se viu numa enrascada. Resultado: à pornografia masculina só restou o poder da criação do imaginário. Esses artifícios imaginários erótico-pornográficos transmitidos por *Sexy* funcionam como uma válvula de escape à libido do homem. Contudo, ele sempre terá algo a seu favor: o fato de ser homem e poder usufruir de certos tipos de vazão sexual, apoiado na imagem da mulher.

Depois de ocupar os olhos do leitor com poses, caras, púbis, bundas e bocas, *Sexy* ajuda o leitor a se excitar com o texto, que contribui para saciar suas taras, aumentar seu desejo e construir sua masculinidade. Nos textos (a maioria entrevistas com modelos) são comentadas as ações e os resultados de aventuras sexuais. As respostas das entrevistadas são o jogo de excitação da revista, no qual o leitor só ganha graças à habilidade do repórter para conseguir confissões íntimas e picantes.

*“Atrás é problema pra você? - Nunca fiz atrás;
Não tem curiosidade?
Acha que tamanho é documento? [...]”*
(*Sexy*, nov/95 p. 66).

Tipos de posições durante o coito, sexo anal, oral, grupal e a quantidade de relações sexuais são algumas das perguntas feitas às entrevistadas para causar excitação no leitor. O mito de preferência por pênis em grande escala está sempre presente na publicação. O modelo de homem viril feito por *Sexy* é aquele com pênis de grande dimensão. A sociedade machista resumiu o homem ao falo. Ele próprio é produto dessa exigência e construtor desse discurso, que também é transmitido pela revista: o modelo masculino é valorizado a partir de um escalímetro-sexual. Em torno do pênis se arma um verdadeiro limiar de fortaleza e fragilidade, dependendo do tamanho se “G”, “M” ou “P”. Os repórteres são incisivos e utilizam até uma linguagem grosseira:

*“[...]Talvez seja melhor foder to fuck; Depende da xoxota também né?
Tem a centimetragem da xoxota...[...]”*
(*Sexy*, mai/95 p.90).

Pode-se assim dizer que o discurso de *Sexy* - cheio de perversividade - é mais uma tentativa de despertar a pulsão sexual do leitor.⁹ Percebe-se também uma certa anulação na imagem feminina, apesar do homem necessitar desta imagem para construir o seu discurso de masculinidade.. Isso está incutido do pensamento social de forma inconsciente. Percebemos essa estrutura na discurso masculino. Freud (apud Dor, 1989:170) diz que o desejo se manifesta mascarado nas formações do inconsciente, assim também toda a formação do inconsciente aparece, por excelência, como o que testemunha o reconhecimento do desejo. No entanto, trata-se igualmente de um desejo de um reconhecimento sob uma forma significativa absolutamente incompreensível, o autor tendo perdido a chave que codifica seu discurso.

4. Conclusão

Com esta análise, pôde-se perceber a dimensão simbólica em torno do falo, em torno do masculino. O lado feminino é a todo tempo colocado em segundo plano, mesmo quando enaltece o liberalismo da mulher. Foi o que mostrou o discurso da revista Nova. Já o discurso masculino, mostrado da revista *Sexy* mostra que a mulher é utilizada apenas como um objeto de desejo do homem: o desejo de se mostrar viril.

Quando Lacan diz que o inconsciente é estruturado como a linguagem, podemos perceber que a dimensão do simbólico e do imaginário diante da condição do falo relega a mulher a segundo plano e confirma a frase de Lacan: a mulher não existe.

⁹ "Para Freud, a pulsão é um processo dinâmico constituído em um impulso que tem sua fonte numa excitação corporal localizada. Esse impulso mobiliza o aparelho psíquico, visando a descarregar a tensão existente ao nível de fonte corporal. É esta descarga que constitui a meta da pulsão; é obtida com a ajuda de um certo objeto.[...] Desta definição, resulta que existem tantas pulsões sexuais quantas possíveis fontes somáticas de excitação libidinal. É assim que se fala das pulsões orais, voyeristas, etc" (Brabant, 1984:26).

5. Bibliografia

- ALBERONI, Francesco. 1986. **O Erotismo**. São Paulo, Círculo do Livro.
- ANDERSON, Kenneth & GOLDENSON, Robert M. 1989. **Dicionário de Sexo**. São Paulo, Ática.
- AUGUSTO, Sérgio. Cem Anos de Strepapease: uma provocação de cem anos, **Folha de S. Paulo**. Caderno Mais, 13 mar., pp. 4-6.
- BARTHES, Roland. 1964. **Elementos de Semiologia**. São Paulo, Cultrix.
- BARTHES, Roland. 1970. **Crítica e Verdade**. São Paulo, Perspectiva.
- BAUDRILLARD, Jean. 1989. **O Sistema dos Objetos**. São Paulo, Perspectiva.
- BAUDRILLARD, Jean. 1991. **Da Sedução**. São Paulo, Papyrus.
- BRABANT, Georges. 1984. **Chaves da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar.
- CATONNÉ, Jean Philippe. 1994. **A Sexualidade Ontem e Hoje**. São Paulo, Cortez.
- CHALHUB, Samira. 1995. **Funções da Linguagem**. São Paulo, Ática.
- CUSCHNIR, Luiz. 1994. **Feminina: como o homem vê a mulher**. São Paulo, Saraiva.
- DOR, Joël. 1991. **Introdução à Leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre, Artes Médicas.
- OGILVIE, Bertrand. 1987. **Lacan: a formação do conceito de sujeito**. Rio de Janeiro. Zahar.
- LACAN, Jacques. 1987. **Os Complexos Familiares**. Rio de Janeiro, Zahar.
- BRUN, Danièle. 1989. **Figurações do Feminino**. São Paulo. Escuta
- JONHSON, Robert. 1987. **A chave do Entendimento da Psicologia Masculina**. São Paulo, Mercuryo.
- LITTLEJOHN, Stephen W. 1988. **Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana**. Rio de Janeiro, Guanabara.
- MONTEOLIVA, José Maria. 1990. **O Dilema da Sexualidade**. São Paulo, Loyola.
- MURARO, Rose Marie. 1993. **Os Seis Meses em que Fui Homem**. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos.
- PAGLIA, Camille. 1992. **Personas Sexuais**. São Paulo, Cia das Letras.
- STEWERT, Daniel K..1973. **A Psicologia da Comunicação**. São Paulo, Forense.